



**GÊNERO, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: O ENSINO DE FILOSOFIA E OS DESAFIOS FRENTE À
QUESTÃO DE EXCLUSÃO DAS FILÓSOFAS BRASILEIRAS**

***GENDER, PHILOSOPHY AND EDUCATION: THE TEACHING OF PHILOSOPHY AND THE
CHALLENGES FACING THE ISSUE OF EXCLUSION OF BRAZILIAN PHILOSOPHERS***

**GÉNERO, FILOSOFÍA Y EDUCACIÓN: LA ENSEÑANZA DE LA FILOSOFÍA Y LOS DESAFÍOS
FRENTE A LA CUESTIÓN DE LA EXCLUSIÓN DE LOS FILÓSOFOS BRASILEÑOS**

Ueudison Alves Guimarães¹, Cicera Alindomaria Monteiro Silva², Vanderlei Antonio Bonatto³

e381787

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i8.1787>

PUBLICADO: 08/2022

RESUMO

O presente artigo é uma reflexão sobre os primórdios dos movimentos feministas na luta em torno da emancipação das mulheres filósofas que ainda não são reconhecidas enquanto seres pensantes. Busca-se, assim, uma melhor compreensão desses estudos em torno da mulher, a partir da primeira mulher filósofa que irá iniciar os estudos na área de gênero, a filósofa Edith Stein. Para tanto, na metodologia optou-se pela pesquisa qualitativa de levantamento bibliográfico, devido à necessidade urgente de marcar os primeiros tateios da mulher nessa terra incógnita, marcada pelo preconceito e pelo machismo dos homens. Conclui-se, através desse estudo, que dentre todas as possibilidades, cabe repensar na proposta de resgatar essa história esquecida, pois ainda há um universo feminino a ser investigado, repleto de lutas e realizações, mas se faz necessário provocar uma reflexão mais aprofundada sobre os escritos de autoria feminina na área da filosofia.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres filósofas. Gênero. História. Exclusão. Feminismos.

ABSTRACT

The present article is a reflection on the beginnings of the feminist movements in the fight for the emancipation of women philosophers who are still not recognized as thinking beings. Thus, a better understanding of these studies about women is sought, starting from the first woman philosopher who will initiate the studies in the gender area, the philosopher Edith Stein. For this, the methodology opted for a qualitative research of bibliographical survey, due to the urgent need to mark the first touches of the woman in this unknown land, marked by prejudice and male chauvinism. We conclude, through this study, that among all the possibilities, it is necessary to rethink the proposal of rescuing this forgotten history, because there is still a feminine universe to be investigated, full of struggles and achievements, but it is necessary to provoke a deeper reflection on the writings of feminine authorship in the field of Philosophy.

KEYWORDS: Women philosophers. Genre. History. Exclusion. Feminisms.

¹ Pedagogia – Universidade Luterana do Brasil – (ULBRA), Química – Faculdade Cidade João Pinheiro – (FCJP), Matemática – Centro Universitário Claretiano - (CLARETIANO), Geografia – Faculdade Mozarteum de São Paulo – (FAMOSP) e Física – Centro Universitário Faveni – (UNIFAVENI); Especialista em Gênero e Diversidade na Escola – (UFMT), Educação das Relações Étnico-Raciais no Contexto da Educação de Jovens e Adultos – (UFMT), Metodologia do Ensino em Química – (FIJ-RJ), Libras e Educação Inclusiva – (IFMT) e Docência para a Educação Profissional e Tecnológica – (IFES); Mestrando em Educação: Especialização em Formação de Professores – Universidad Europea del Atlántico - Espanha (UNEA), Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação (Must University) e Mestrando Nacional Profissional em Ensino de Física pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

² Graduada em Matemática pela Universidade Estadual do Ceará (2013). É professora efetivada Prefeitura Municipal de Conceição -PB desde 2012 até os dias atuais. Graduada em Pedagogia para Formação Docente pela FAC. Especialista em Ensino de Matemática, pela Universidade Cândido Mendes, Especialista em Gestão Escolar, pela Faculdade João Calvino, pós graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade de Ciências Administrativas e de Tecnologia de Rondônia. Mestranda em Educação: Especialização em Formação de Professores pela Universidad Internacional Iberoamericana - UNINI México.

³ Graduado em Filosofia pela UNIFAI, Pedagogia pela UNINOVE. Superior Incompleto em Teologia pela ITESP e mestrando em Educação pela UNINI – México.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

GÊNERO, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: O ENSINO DE FILOSOFIA E OS DESAFIOS FRENTE À QUESTÃO DE EXCLUSÃO DAS FILÓSOFAS BRASILEIRAS
Ueudison Alves Guimarães, Cicera Alindomaria Monteiro Silva, Vanderlei Antonio Bonatto

RESUMEN

El presente artículo es una reflexión sobre los inicios de los movimientos feministas en la lucha por la emancipación de las mujeres filósofas que aún no son reconocidas como seres pensantes. Así, se busca una mejor comprensión de estos estudios sobre la mujer, partiendo de la primera mujer filósofa que iniciará los estudios en el área de género, la filósofa Edith Stein. Para ello, en la metodología, se optó por la investigación cualitativa de encuesta bibliográfica, debido a la necesidad urgente de marcar los primeros toques de la mujer en esta tierra desconocida, marcada por el prejuicio y el machismo. Se concluye, a través de este estudio, que entre todas las posibilidades, es necesario repensar la propuesta de rescatar esta historia olvidada, porque todavía hay un universo femenino por investigar, lleno de luchas y logros, pero es necesario provocar una reflexión más profunda sobre los escritos de autoría femenina en el campo de la Filosofía.

PALABRAS CLAVE: *Mujeres filósofas. El género. La historia. Exclusión. Feminismos.*

1. INTRODUÇÃO

A Filosofia tem uma história de mais de dois mil e quinhentos anos. Foi na Grécia Antiga, no século VI a. C que essa ciência (Filosofia) surgiu e tomou as primeiras proporções. Os gregos conseguiram desenvolver uma comunidade única de língua, religião e cultura, que foi responsável pelo grande avanço da ciência na Idade Antiga. A palavra “filosofia”, é, inclusive, de origem grega e vem de *phílos*, “amigos”, e *sophía* “sabedoria”.

Na Grécia a Filosofia era imposta como modelo intelectual apenas da Europa. Séculos depois o discurso que imperou era de que os gregos possuíam a Filosofia, tal qual o Cristianismo que pregava JESUS como único caminho, não havendo espaços para as outras religiões, outros deuses, outras manifestações religiosas.

Sabe-se que um dos elementos originários da filosofia foi a inquietação humana na busca de explicações para o real e uma das primeiras formas de se tentar explicar o mundo foi com os mitos. Com o transcorrer dos tempos as explicações míticas-religiosas já não satisfaziam mais.

Por outro lado, também se sabe que todos os homens desenvolveram um tipo de reflexão explicando seu mundo e essa reflexão pode ser entendida como uma filosofia.

A Filosofia nasce na Grécia como um esforço de superação do pensamento mítico, na realidade do mundo. Encontra-se nas coisas e não nos deuses, investimentos para a razão. A passagem do pensamento mítico para o conhecimento crítico filosófico ficou conhecida como “milagre grego”. O homem começa a se esforçar por conhecer de forma clara e racional a natureza, o ser humano e o universo que nos rodeia e a metamorfose que nelas acontecem.

Nesse sentido, a Filosofia não nasce como um fato aleatório. Houve todo um contexto histórico propício para que isso acontecesse, desde o surgimento da escrita, das leis escritas, da moeda e do cidadão da pólis. Como afirma o professor espanhol M. G. Morente: “A Filosofia, mais do que qualquer outra disciplina, necessita ser vivida” (MORENTE, 1967, p. 23). Ou seja, para ser teorizada precisou ser vivenciada. A Filosofia, portanto, nasce não de mentes criativas, mas de necessidades específicas de teorização, ou de explicação racional.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

GÊNERO, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: O ENSINO DE FILOSOFIA E OS DESAFIOS FRENTE À QUESTÃO DE EXCLUSÃO DAS FILÓSOFAS BRASILEIRAS
Ueudison Alves Guimarães, Cicera Alindomaria Monteiro Silva, Vanderlei Antonio Bonatto

Partindo de algumas inquietações, este artigo busca trazer para o mundo real o lugar da mulher “filósofa” no ensino de filosofia.

Na academia, ainda se lê e estuda pouco as mulheres da filosofia, desconhecendo-se de uma forma geral seus saberes devido a um contexto histórico social em que as mulheres sofrem e ou sofreram num espaço machista, onde os homens exerceram os seus poderes, como se só a eles coubessem os melhores lugares e os maiores reconhecimentos, e as mulheres, apenas o ocultamento das produções e o silêncio.

Nesse sentido é perceptível indagar qual “o lugar da mulher ‘filósofa’, no ensino de filosofia”?

A busca inicial será compreender “os porquês do sim e os porquês do não”, das inquietações das professoras de filosofia em se tornarem “filósofas”, buscando saber como tais professoras, entrevistadas neste estudo, se sentem com relação ao seu lugar na filosofia. Será que elas se permitem pensar que podem ser filósofas e se consideram como tais? Nesse sentido, perceber os caminhos e descaminhos que as mulheres traçam para estar e atuar nesse campo do saber, a filosofia, mostrando as atividades das mulheres e as relações de gênero como importantes para a filosofia.

2. DESENVOLVIMENTO

A filosofia, tão conhecida como a mãe de todas as ciências apresenta também uma história ocultada, repleta de saberes de mulheres que fez muitas se perderem em labirintos ou ainda se manterem em cativeiros, deixando uma história que tem gênero: heterossexual; sexo: masculino; cor: branca e origem: europeia.

Durante toda a história das mulheres percebe-se a sua condição inferior e de submissão aos homens. Na antiguidade prepondera-se o discurso de que originada da costela de Adão, a mulher Eva pecou, tentada pela serpente, causando o pecado original. Na Grécia antiga, as mulheres não eram consideradas cidadãs, juntamente com os escravos, crianças e pessoas estrangeiras, por isso não participavam das decisões políticas e sociais da pólis. O filósofo Sócrates ressalta que aos homens cabia o parto de ideias e as mulheres o parto do corpo.

Apoiada nos pressupostos bíblicos, a filósofa Edith Stein cita que na Bíblia não existe citação de domínio do homem sobre a mulher. Ela é chamada de companheira e ajudante do marido, mas por conta da teoria de Eva, levou ao homem a culpa do pecado original. Seu castigo pela desobediência é a perda do domínio absoluto sobre a terra, a disponibilidade das criaturas menos nobres, a luta dura pelo pão de cada dia, as dificuldades do trabalho e a pobreza do seu fruto.

Outra condenação bíblica da mulher é o sofrimento da sua gravidez em meio às dores do parto. “Por tudo isso é que a mulher se sujeitará aos domínios do homem, passando assim para a mulher a responsabilidade pelo pecado” (STEIN, 1999, p. 80)

Afirma Stein (1999), que vários textos bíblicos como em Efésios afirmam: “as mulheres devem ser submissas aos seus maridos; Timóteo: “Não é permitido que a mulher ensine, nem que



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

GÊNERO, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: O ENSINO DE FILOSOFIA E OS DESAFIOS FRENTE À QUESTÃO DE EXCLUSÃO DAS FILÓSOFAS BRASILEIRAS
Ueudison Alves Guimarães, Cicera Alindomaria Monteiro Silva, Vanderlei Antonio Bonatto

exerça autoridade sobre o marido”. A autora comenta que a superioridade do homem também se dá pelo fato de o redentor vir à terra em forma de homem. O sexo feminino ganha sua nobreza pelo fato de que o redentor, Jesus, nasceu de uma mãe humana. Sendo assim, a mulher é a porta pela qual Deus entra no gênero humano.

Apenas o modelo de sociedade dos povos celtas garantia direitos iguais para homens e mulheres, inclusive de guerrear, se divorciar, fazer as mesmas coisas que os homens. As mulheres eram donas de seu patrimônio e os administrava também depois do casamento. Considerada como aspecto vivo da criação humana.

Na sociedade medieval, Eva é representada pela mulher pecadora e Maria é representada como virgem e santa. O Cristianismo pregava um patriarcalismo, representado pelo Deus masculino, por isso a mulher deveria ser casta e submissa aos homens, havendo assim uma hierarquia social sobre a mulher. O filósofo Pitágoras já afirmava que existe um princípio bom que gerou a ordem, a luz e o homem, há um princípio mau que gerou o caos, as trevas e a mulher.

As mulheres que tentaram romper com este modelo tradicional como as parteiras, mulheres que usavam plantas medicinais para curarem as crianças e pessoas doentes, mulheres que possuíam liberdade sexual e religiosa, não davam satisfação de seus atos, eram tidas pela igreja católica, como bruxas e, portanto, deveriam ser queimadas vivas para que o fogo purificasse sua alma.

Na verdade, eram as mulheres que não aceitavam seu papel de submissão, escrava do lar, dos filhos e do marido e por isso lutavam por igualdade de direitos, buscando novas formas de não cumprir com esse modelo passivo.

Com a Revolução Industrial e o surgimento das cidades, as mulheres entram para o mercado de trabalho, porém ganhando um salário inferior ao dos homens.

Com os movimentos feministas a mulher vem ganhando liberdade de expressão, direito ao voto, participação na sociedade, ocupar os mesmos cargos que os homens, dentre outros, porém ainda prevalece o discurso de que a mulher precisa ser destinada apenas as tarefas domésticas, por isso deve ser sustentada pelo pai na menoridade e na maioridade pelo marido. A partir dos anos 80, no Brasil, discussões começam a ser travadas sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea.

Portanto, falar de gênero e de Filosofia é pensar sobre pessoas (homens e mulheres) que produziram e produzem filosofia de lugares, muitas vezes estranhos às instituições de Ensino Médio e Superior, mas que fazem parte de vivências de educadores e educadoras (filósofas) que tentam desmistificar o lugar da mulher neste modelo de conceber e fazer filosofia, desde a Grécia até a contemporaneidade.

A questão feminina de gênero é atual e faz parte da produção entre passado, presente e futuro. As mulheres compõem a história da filosofia sob o decreto da exclusão da mulher, já que o



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

GÊNERO, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: O ENSINO DE FILOSOFIA E OS DESAFIOS FRENTE À QUESTÃO DE EXCLUSÃO DAS FILÓSOFAS BRASILEIRAS
Ueudison Alves Guimarães, Cicera Alindomaria Monteiro Silva, Vanderlei Antonio Bonatto

reconhecimento social das mulheres como seres pensantes foi e continua sendo um grande desafio frente às relações de gênero, já que toda a história das mulheres foi feita por homens.

Para se compreender a proposta deste trabalho é importante mencionar o conceito de gênero, suas condições de produção, como, por que e quando foi criado:

Falar de 'gênero' é algo mais do que falar das diferenças biológicas entre homens e mulheres. Assim como o patriarcado, gênero que pode ser entendido ao lado da luta das mulheres pelos seus direitos (...). Gênero não é apenas sinônimo de sexo, masculino ou feminino. Gênero também é o conjunto de expressões daquilo que se pensa sobre o masculino e o feminino. Ou seja, a sociedade constrói longamente, durante os séculos de sua história, significados, símbolos e características para interpretar cada um dos sexos. A essa construção dá-se o nome de 'relações de gênero' (QUAD, 2003).

Nesse sentido a história das mulheres (gênero), sempre foi marcada por angústias e subserviências, pois as mulheres foram criadas para cumprir a missão de ser mãe, como mero objeto de procriação, responsável pela perpetuação da espécie humana. Não possuía o direito de exercer sua cidadania e muito menos competência para cuidar de si mesma, tendo que se submeter sempre a proteção do macho, na menoridade representado pelo papel do pai e na maioridade representada pelo papel do marido, pois imperava um discurso de que a mulher não possuía capacidade intelectual nem mesmo para administrar os seus próprios bens.

Vale ressaltar que os estudos sobre a mulher nasceram da atividade docente da filósofa Edith Stein, em Institutos Dominicanos, Pedagógicos e Científicos. Eles ocupam, portanto, um lugar intermediário entre os trabalhos científicos da autora e suas publicações em estudo popular, através da personificação das suas próprias ideias.

Na época em que Edith Stein começou a se dedicar ao estudo da psique feminina, 1928, não existiam pesquisas psicológicas em que pudesse basear-se. Em diversas passagens de sua obra "A Mulher sua missão segundo a natureza e a graça", ela menciona seus primeiros tateios nessa terra incógnita, o universo feminino. Portanto, Edith Stein está entre os primeiros em ciências humanas que se aprofundaram nas peculiaridades psíquicas da mulher (STEIN, 1999, p. 22).

Edith Stein (1999, p. 17) enfrentou como docente universitária, a tarefa de formar mulheres, levando-a a investigar a essência e a missão da mulher nas palavras "O que somos e o que devemos ser". Para Edith a formação feminina em particular obedece à missão mais nobre da mulher. O equilíbrio de seu temperamento, a solidez de seu saber, o amor impessoal pelos educandos garante a fecundidade de seu trabalho docente. Como afirma a mesma, trata-se da questão eterna do ser:

"Está prevista na natureza da mulher uma finalidade tripla: o desdobramento de sua humanidade, de sua feminilidade, de sua individualidade (...) a natureza não é dividida em três e, sim, é uma só: a natureza humana em sua manifestação especificamente feminina e individual" (STEIN, 1999, p. 17).

Os ensaios de Edith Stein são frutos de anos de prática docente, de um profundo conhecimento da alma humana e de um constante interesse pelos destinos da mulher. Os referidos ensaios foram formados a partir do conteúdo de um grupo de palestras, cuja elaboração deu a



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

GÊNERO, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: O ENSINO DE FILOSOFIA E OS DESAFIOS FRENTE À QUESTÃO DE EXCLUSÃO DAS FILÓSOFAS BRASILEIRAS
Ueudison Alves Guimarães, Cicera Alindomaria Monteiro Silva, Vanderlei Antonio Bonatto

mesma oportunidade de aplicar seus vastos dons e conhecimentos. Neles se ouve a voz da filósofa, da psicóloga, da educadora, da mulher que procura Deus e que está repleta de Deus (p. 24).

Em sua obra “A mulher sua missão segundo a natureza e a graça”, Edith Stein, 1999, faz uma retrospectiva histórica da mulher desde os primórdios da humanidade, conforme o que traz as Escrituras Sagradas, conforme relato feito anteriormente. Afirma que o corpo e a alma da mulher foram formados para uma finalidade específica. Destinada a ser companheira do homem e a mãe dos seres humanos. Cuidar, velar, conservar, alimentar e promover o crescimento: esse é seu desejo natural (maternal).

Edith Stein tira a conclusão de que o protótipo da humanidade perfeita se encontra realizado na pessoa de Cristo, o novo Adão, e que o protótipo da feminilidade perfeita se encontra em Maria, a nova Eva. Nesse sentido, por natureza, a mulher é chamada a desempenhar o papel de esposa e mãe. Ser esposa, ser apoio e segurança como companheira do marido, da família e da comunidade. Ser mãe tem o sentido de cuidar e desenvolver a verdadeira humanidade. Afirma Edith Stein: “Ambos: o companheirismo e a maternidade da alma não estão restritos aos limites da relação física de esposa e de mãe, elas se estendem a todas as pessoas que entram em contato com a mulher” (p. 18).

Ao contrário do que muitos filósofos defenderam sob a condição da mulher ser apenas dona de casa, Edith defendia a formação das moças como especificamente feminina, pois para ela, a alma é o princípio formador do corpo.

Ressalta a autora que todas as profissões além de esposa e mãe, qualquer mulher normal e sadia pode exercer uma profissão, portanto não há profissão que não possa ser exercida pela mulher. Nesse sentido, nenhuma mulher é somente mulher, todas têm sua individualidade e sua predisposição tanto quanto o homem.

Nesse esboço de 1929, através da obra “A mulher sua missão segundo a natureza e a graça”, Edith Stein comenta que a vida da mulher de nossos dias apresenta uma imagem bastante preocupante. Suas causas estão na sobrecarga de tarefas familiares e profissionais, na tendência da mulher de deixar se guiar em tudo, do casamento ao divórcio, da educação à profissão (culpa do nosso sistema educacional feminino). A mulher que deixa de dar à sua profissão uma conotação feminina, acaba experimentando uma sensação de vazio e insatisfação, mesmo numa profissão escolhida por inclinação (p. 30).

A maioria das moças que hoje fazem vestibular e ingressam num curso superior, nem sabem quantos comícios, manifestos, petições ao congresso e ao governo foram necessários até que, em 1901, as universidades se abrissem, finalmente, para as mulheres.

Portanto, falar em histórias de mulheres é sempre algo novo dentro das academias, porém se sabe que aos poucos as questões de ‘gênero’, ‘feminismos’ e ‘mulheres’, nos remete ao próprio campo da história da filosofia, em que a maioria dos filósofos teceram a exclusão da mulher de forma muito clara. “Por que as mulheres e a filosofia”? (MENEZES, 2004, p. 127).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

GÊNERO, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: O ENSINO DE FILOSOFIA E OS DESAFIOS FRENTE À QUESTÃO DE EXCLUSÃO DAS FILÓSOFAS BRASILEIRAS
Ueudison Alves Guimarães, Cicera Alindomaria Monteiro Silva, Vanderlei Antonio Bonatto

A comentadora de Edith Stein, Clélia Peretti (2009), em sua tese de doutorado sobre as questões de gênero, ressalta que a história das mulheres é uma história que se ressentida de um passado mal contado, envolto em silêncios que ainda não foram quebrados. A presença de uma fala feminina no mundo intelectual, é uma inovação dos séculos XIX e XX que viram crescer na mulher a consciência da sua própria identidade.

Segundo Clélia Peretti (2009), os escritos de Edith Stein percorrem temáticas femininas por meio de dados históricos, interpretações e fontes variadas, bem como possibilitam conhecer seu percurso especulativo, sua identidade feminina, sua relação com a história familiar e a história de seu povo e de seu dilema na busca da verdade e da evolução espiritual. (p. 21)

Para Edith Stein *apud* Clélia Peretti (2009), a questão da diferença entre o feminino e o masculino continua sendo atual; sua reflexão verte sobre a natureza genuína da feminilidade. O espaço da mulher no contexto histórico, demonstra que durante muito tempo as mulheres não foram consideradas sujeitos da história e estiveram excluídas das narrativas dos historiadores, pois somente a partir do século XIX inicia-se um processo de emancipação intelectual da mulher, situando-se as primeiras raízes do movimento feminista alemão, pois escrever neste período era privilégio de algumas poucas mulheres da classe social mais elevada.

Somente ao longo do século XX as mulheres travaram batalhas por seus direitos e pela garantia de melhores condições de vida e de trabalho. Enquanto os movimentos feministas políticos se fortificavam na conquista da igualdade entre os gêneros e na participação da mulher de forma equivalente, cresciam os movimentos intelectuais. A descrição de gênero da filosofia ocidental é acusada de falar em nome de um sujeito abstrato, neutro e marcada pelo poder masculinizado.

A brasileira Maria da Penha Carvalho (2002) diz que “de Platão até os nossos dias, a grande maioria dos filósofos sustentam a primazia da razão sobre a corporeidade e a decorrente condição ideal de comando da primeira sobre a segunda” (p. 48). Sendo assim, há muito o que “contar” dos “olhares” androcêntricos dos filósofos e como nos disse Carvalho (2002) “não se pode considerar que excluir a metade da população do mundo de um sistema moral que se pretende universal possa ser encarada como coisa sem importância” (p. 52).

Carvalho (2002), nos lembra ainda que “a ética de Kant pode ser vista como paradigmática do ponto de vista masculino e excludente”:

Os conceitos centrais da filosofia moral de Kant, tais como o conceito de autonomia da vontade – que é para Kant, o princípio supremo da moralidade -, pressupõem uma relação desigual entre as duas dimensões do ser humano, o que acarreta, embora implicitamente, e exclusão das pessoas vinculadas à dimensão sensível, tida como inferior (2002, p. 51).

Percebe-se que nesses exemplos aparecem as questões da filosofia sobre as mulheres, tratadas com valores desqualificáveis para esse mundo, são também colocadas como inferiores aos homens, e ainda pior que isso não conseguem de maneira significativa seu lugar na filosofia.

Algumas filósofas têm se dedicado com afinco às questões filosóficas, algumas até se posicionando com seus olhares feministas como Márcia Tiburi, Magali Mendes de Menezes, Maria



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

GÊNERO, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: O ENSINO DE FILOSOFIA E OS DESAFIOS FRENTE À QUESTÃO DE EXCLUSÃO DAS FILÓSOFAS BRASILEIRAS
Ueudison Alves Guimarães, Cicera Alindomaria Monteiro Silva, Vanderlei Antonio Bonatto

Antonieta, Tereza Joaquim, Norma Telles, Maria da Penha Carvalho, Maria Luísa Ferreira, dentre outras, já que (...) “é inegável que as temáticas filosóficas têm estado presentes nos estudos sobre as mulheres, pois muitos dos temas que preocupam os diferentes feminismos são de raiz filosófica” (MACEDO, 2005, p. 80).

Cabe salientar que se hoje há um estudo sobre as relações de gênero é porque foram as feministas e alguns poucos homens pró-feministas que lutaram fora e dentro da academia. No entanto, conhecer as mulheres filósofas brasileiras não é uma atividade muito simples, frente a todo um contexto social, histórico e filosófico, como afirma NYE:

Talvez nessas teorias que os homens vislumbram para regular suas ideias - raciocinam as mulheres - possa haver alguma coisa adaptável aos propósitos feministas. As mulheres poderiam tomar os argumentos do próprio adversário, voltá-los contra ele, e gerar uma sociedade humana que incluísse as mulheres (1988, p. 15)

Segundo a filósofa feminista Etith Stein *apud* Ursula Anne Matthias e Moisés Rocha Farias, o universo filosófico com a presença das mulheres é algo raro, ainda mais quando se trata de questões referentes à mulher. As reflexões filosóficas de Edith Stein são de uma vitalidade e coerência científica que enriqueceram o aprofundamento filosófico da questão feminina, tanto do seu tempo, quanto do nosso, fundamentos estes que até então não são levados a sério.

Nos primórdios dos movimentos feministas, o tema sobre a mulher era dificilmente concebido. A luta girava em torno da emancipação: o de permitir as mulheres a manifestação livre de sua personalidade pelo acesso a todos os níveis de formação e a todas as profissões, no intuito de refutar o discurso de que a mulher não serve para o exercício das profissões masculinas.

Esta luta resulta do chão da realidade, pois aceita-se naturalmente e sem contestação o fato da peculiaridade da mulher. Este valor peculiar torna-se fecundo para a vida em sociedade, por meio da atuação da mulher em casa, na vida profissional e na vida pública.

Contudo, sabe-se que uma vivência em experiência formadora implica a mediação de uma linguagem e o envolvimento de competências culturalmente herdadas (JOSSO, 2004, p. 49), por isso as narrativas serão fios condutores, para se conhecer tais competências a partir de entrevistas realizadas com professoras de Filosofia que atuam no Ensino Médio, pois através de suas falas se pode refletir sobre suas trajetórias. É importante pensar que tanto as narrativas orais quanto as escritas são muito importantes para uma pesquisa. Assim, é interessante se pensar que:

A narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao “ouvir” a si mesmo ou ao “ler” seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria existência. Este pode ser um processo profundamente emancipatório em que o sujeito aprende a produzir sua própria formação, autodeterminando a sua trajetória (CUNHA, 1998, p. 39-40).

Segundo Maria Isabel da Cunha (1998), quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela, percebe-se que sua trajetória é reconstruída, dando-lhes novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade (p. 39).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

GÊNERO, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: O ENSINO DE FILOSOFIA E OS DESAFIOS FRENTE À QUESTÃO DE EXCLUSÃO DAS FILÓSOFAS BRASILEIRAS
Ueudison Alves Guimarães, Cicera Alindomaria Monteiro Silva, Vanderlei Antonio Bonatto

No centro dos estudos de Edith Stein está o reconhecimento da peculiaridade da mulher e de seu valor próprio. A autora mostra a necessidade fundamental de dar às meninas e moças uma educação apropriada à sua maneira de ser feminina – educação dos sentimentos.

Segundo Edith Stein, 1999, a mulher pode cumprir de três formas a sua missão segundo a ordem natural e a graça: no casamento, no exercício de uma profissão (formação humana como a atividade mais nobre da mulher) e sob o véu da *sponsa Chisti*.

As investigações sobre a essência e a missão da mulher, como a maneira de ser e o valor próprio da natureza feminina foi o ponto de investigação de sua obra “A mulher sua missão segundo a natureza e a graça”. Ela afirmava que a menina precisa ser educada para a humanidade plena, para a feminilidade perfeita: “Se Maria é o protótipo da genuína feminilidade, a imitação de Maria deverá ser meta de formação feminina”.

Por tudo isso percebe-se que a formação da alma feminina para ser esposa e mãe de um lado, e esposa de Cristo, por outro lado, capacitar as moças para ambos, para o casamento e para uma vida consagrada. Nesse sentido, maternidade e casamento não devem ser entendidos em seu sentido estrito de mulher casada e de religiosa, além disso, a natureza da mulher e sua missão devem estar interligadas a afetividade que deve ocupar a formação feminina.

Recorte de uma resenha da palestra Jornal Heidelberg Boten (1930), de Edith Stein, falam da mulher em uma época distante, muito antes dos movimentos feministas. “Cada ser humano sente viva a necessidade da estimulante participação da mulher que é uma das mais elevadas funções da educação” (p. 29).

Para Edith Stein, a atividade profissional da mulher fora de casa não contraria a ordem natural da graça. “A ordem original prevê ação comum do homem e da mulher em todas as áreas, apesar de uma diferenciação de papéis” (p. 98). Já que o conhecer e o querer são atos livres, portanto homens e mulheres são seres individuais, cuja individualidade deve ser respeitada no processo de formação.

Segundo Cunha (1998, p. 40), por acreditarmos que a ciência não é masculina e nem feminina, mesmo que se tenha na história tentando construí-la a partir de concepções e investigações do sexo masculino e, desse modo, negando, ocultando, aniquilando, jogando fora queimando ou renomeando investigações feitas por mulheres.

No livro “Histórias das Mulheres do Brasil”, encontram-se vários exemplos de mulheres que marcaram seu tempo, que fizeram história. Sabe-se que muitos homens na história da Filosofia também são anônimos. A questão é fazer com que as mulheres sejam mais valorizadas na Filosofia, percebendo o seu lugar enquanto professoras de Filosofia “filósofas” e ainda que seus saberes sejam estudados nas instituições de Ensino Médio e Superior do Brasil, pois, “nem ao menos sabemos quem são as mulheres que fizeram e fazem filosofia.

Nossos cursos de Filosofia não se preocupam em resgatar essa história esquecida (MENEZES, 2004, p. 125), restando questionar também o que propõe Magali de Menezes, filósofa



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

GÊNERO, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: O ENSINO DE FILOSOFIA E OS DESAFIOS FRENTE À QUESTÃO DE EXCLUSÃO DAS FILÓSOFAS BRASILEIRAS
Ueudson Alves Guimarães, Cicera Alindomaria Monteiro Silva, Vanderlei Antonio Bonatto

feminista brasileira, “isso se dá talvez, pelo fato da grande maioria dos mestres ainda serem homens”.

No filme “O sorriso de Monaliza” apresenta a história de uma educadora por excelência, que se preocupava com o futuro das suas alunas, procurando conhecê-las mais de perto. Ficava importunada com a limitação da evolução profissional das jovens alunas, pois o único desejo imposto pelos costumes da época era a de ser uma “doméstica prendada” (passadeiras, cozinheiras, “limpadeiras” de bumbuns dos filhos, consumidoras de utensílios domésticos e tudo isto sem questionar absolutamente nada – Uma rainha do lar escravizada pelo machismo da época, pelo marido e pelo capitalismo dos anos 50).

Esta educadora de visão futurista rompe com o tradicionalismo, mostrando às alunas que é possível conciliar uma carreira profissional à vida doméstica. Tentava libertar a mulher da égide do casamento, onde seria apenas uma figura submissa. Estimulava a aptidão e o crescimento das suas alunas para liderança.

Sabe-se que a história da disciplina Filosofia é também uma história de exclusão. Banida das escolas durante a Ditadura Militar, a Filosofia enquanto disciplina escolar foi substituída por Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política do Brasil, dentre outras. Cabe salientar que desde os anos de 1980 debate-se a inclusão de Filosofia como disciplina essencial no Ensino Médio. Porém, só em dezembro de 1996 foi aprovada a Lei 9394/96 que determina o acesso aos conhecimentos de Filosofia como sendo necessários para o exercício da cidadania. No entanto, só a partir de 2006 o Conselho Nacional de Educação aprovou a resolução, obrigando que esses conhecimentos devessem estar disciplinarmente inseridos no currículo. Diante do exposto, percebe-se que a história da Filosofia no Brasil também é de exclusão.

Tentar entender o porquê de as mulheres não aparecerem em muitas reflexões filosóficas foi uma das primeiras indagações que motivaram os autores deste artigo. Por perceber que quase não há citações e estudos das ideias de mulheres em pesquisas. E pior ainda, elas não aparecem e nem sequer são citadas nos livros de Filosofia. Os clássicos são estudados, como se numa história a priori, as mulheres não fizessem parte da humanidade.

Dessa maneira, fica claro que “as mulheres não pertencem, inicialmente, a essa história de acesso ao saber, que lhes fora negado, impedindo, conseqüentemente, a própria possibilidade de sua humanização” (MENEZES, 2002, p. 13).

Este artigo busca contribuir para que a educação filosófica seja menos sexista, pois ainda há um universo feminino a ser investigado, repleto de lutas e realizações muito invadido. Diante dessas inquietações, pretende-se trazer à tona essas questões para o mundo real, tanto no Ensino Médio, quanto no Superior, já que muitas mulheres foram sempre treinadas a pensar que o homem está no centro de tudo, deixando tantas outras indignadas diante desta realidade.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

GÊNERO, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: O ENSINO DE FILOSOFIA E OS DESAFIOS FRENTE À QUESTÃO DE EXCLUSÃO DAS FILÓSOFAS BRASILEIRAS
Ueudison Alves Guimarães, Cicera Alindomaria Monteiro Silva, Vanderlei Antonio Bonatto

Considerando que ainda é cedo para advogar uma filosofia no feminismo, mas também não é tarde para se escutar as histórias de preconceito de gênero na Filosofia, a mãe da *sapiense*, que desgarrou suas filhas desde o início da sua história.

Nesse sentido, conhecer as mulheres filósofas não é uma atividade muito simples, frente a todo um contexto social, histórico, filosófico e ideológico que mostra uma cultura machista, preconceituosa ao afirmar que só os homens produzem filosofia.

Logo, se as mulheres não puderam falar, escrever, assistir às aulas e assinar suas pesquisas, seria, no máximo, hoje, necessário que os Departamentos de Filosofia e Instituições de Ensino Superior saíssem das “mesmíssimas preocupações”, e se permitissem novos olhares e perspectivas de se pensar na Filosofia, o que não excluiria o rigor filosófico. O que acontece é que, até hoje, as mulheres não são reconhecidas, porque muitos homens não consideram o que elas pensavam e escreviam como Filosofia, eles preferiam e muitos ainda preferem falar o que poucos entendem e conhecem, do que não tem relevância social, do que a maior parte da população continua não entendendo.

É preciso desmistificar essa questão de que a mulher também faz filosofia, trazendo para a sala de aula variados tipos de textos de filósofas, a fim de provocar uma reflexão mais aprofundada sobre os escritos de autoria feminina, pois quem afirma que mulher não faz filosofia, nada entende de mulher e muito menos de Filosofia.

Por tudo isso, percebe-se que as questões das diferenças culturais de gênero, que se fazem emergentes, principalmente na educação, já que enquanto educadores e educadoras, não se consegue dar conta desta tarefa, se não observar as práticas em sala de aula como ações políticas, acreditando em afirmações de Rocha (2001), “que educar para a democracia é educar para a transgressão utópica, ou seja, possível de ser realizado através da ação política por excelência. Sabe-se que sala de aula é trabalho político por excelência, político porque marcas são impressas nas almas jovens, sedentas de saber e de viver. Marcas momentâneas, algumas indelévels. Marcas obscuras, outras luminosas. Enfim, plasmoo realidades quando transformo sede de saber, ou mesmo apatia, desânimo, descrença em conhecimento e ação ou, pelo menos, em desejo de conhecer e de agir” (p. 221).

Quem nunca se lembra de algo que foi vivido na escola e que não tenha deixado alguma “marca”? O mesmo acontece quando adultos e essas marcas são tão ruins, quando repletas de preconceito que nem o tempo permite serem esquecidas.

Portanto, se faz necessário trazer para a sala de aula textos de mulheres, professoras “filósofas” que atuam na educação, mas que não são reconhecidas como tal. É preciso preencher este vazio existente na Filosofia, aprofundando no âmbito escolar a relação das mulheres com o mundo do saber, para que os processos de exclusão sejam desmistificados e se tornem objetos de estudo. Isto é algo que vem sendo construído por professoras e pesquisadoras. Talvez questionar onde são colocadas as ideias dessas “filósofas”, seja o início de um caminho, em que as mulheres na



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

GÊNERO, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: O ENSINO DE FILOSOFIA E OS DESAFIOS FRENTE À QUESTÃO DE EXCLUSÃO DAS FILÓSOFAS BRASILEIRAS
Ueudison Alves Guimarães, Cicera Alindomaria Monteiro Silva, Vanderlei Antonio Bonatto

história do pensamento e na Filosofia possam aparecer. Portanto, não basta saber sobre suas vidas, é preciso conhecer seus conceitos, concepções, ideias e teorias.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, com o resultado desse trabalho pretende-se discorrer sobre o cotidiano de algumas professoras de Filosofia, muitas vezes marcados por histórias de resistências e lutas, principalmente se essas são comprometidas com uma melhor qualidade de educação e um mundo melhor. Por se acreditar que ser educadoras na Filosofia tem a ver com olhar a educação como uma maneira de transformar as realidades cruéis que perpassam o meio. Não que a Filosofia seja uma espécie de “salvadora da pátria”, mas ela pode ser um caminho na superação humana, que vai além do próprio senso crítico.

É importante explicitar que estas reflexões que aqui se iniciaram, não pretendem apontar soluções e muito menos encontrar respostas, pretendem sim, ser motivadoras de inquietações e novas buscas.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ivia. Escritoras do século XIX e a exclusão do cânone literário. *In*: ALVES, Ivia, MACEDO, Marcia e PASSOS, Elizete (Orgs.). **Metamorfose**. Salvador: NEIM/EDUFBA, 1998. (Coleção Baianas, 3).

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Gênero. *In*: JOBIM, José Luis. (org). **Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

CARVALHO, Maria da Penha Felício dos Santos. As observações Kantianas sobre o belo sexo. *In*: TIBURI, Márcia; MENEZES, Magali Mendes de; EGGERT, Edla (org.). **As mulheres e a filosofia**. Unisinos: São Leopoldo, 2002. p. 47-67.

CUNHA, Maria Isabel. **As narrativas como explicitadoras e como produtoras do conhecimento**. Araraquara: JM, 1998.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

DUARTE, Constância Lima. O cânone e a autoria feminina. *In*: SCHMIDT, Rita Terezinha. **Mulheres e literatura: (trans)formando identidades**. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

HUSSERL, E. **La Crisi dele Scienze Europee e La Fenomenologia Transcendentale**. Milano: EST, 1997.

JOSSO, Cristine-Marie. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luisa. **Dicionário da crítica feminista**. Lisboa: Edições Afrontamento, 2005.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

GÊNERO, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: O ENSINO DE FILOSOFIA E OS DESAFIOS FRENTE À QUESTÃO DE EXCLUSÃO DAS FILÓSOFAS BRASILEIRAS
 Ueudison Alves Guimarães, Cicera Alindomaria Monteiro Silva, Vanderlei Antonio Bonatto

MENEZES, Magali Mendes de. Da academia da razão à academia do corpo. In: TIBURI, Márcia; MENEZES, Magali Mendes de; EGGERT, Edla (org.). **As mulheres e a filosofia**. Unisinos: São Leopoldo, 2002, p. 172.

MORENTE, Manoel Garcia. **Fundamentos de filosofia, lições preliminares**. 3. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1967.

MORENTE, Manoel Garcia. Por que as mulheres e a filosofia?. In: **Produzindo gênero**. CARVALHO, Marie Jane Soares; ROCHA, Cristianne Maria Famer (orgs). Sulina: Porto Alegre, 2004.

MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. In: SCHMIDT, Rita Terezinha. **Mulheres e literatura**: (trans)formando identidades. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

NYE, Andréa. **Teoria Feminista e as Filosofias do Homem**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tentos, 1998.

PAIXÃO, Sylvia. A literatura feminina e o cânone. In: SCHMIDT, Rita Terezinha. **Mulheres e literatura**: (trans)formando identidades. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

PERETTI, Clélia. **Edith Stein e as questões de gênero**: perspectiva fenomenológica e teológica. 2009. 302 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2009.

QUAD, Daniela. **Feminismo**: que história é essa? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luis. (org). **Palavras da crítica**: tendências e conceitos no estudo da literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

ROCHA, Maria Zélia Borba. Cristóvam, Milene e minhas meias furadas... ou de como uma aprendiz de professora ensina política cultural, sem saber, a uma graduada das artes... ou ainda... docência. A barca de Caronte. **Revista Educação e Realidade**, n. 74, p. 211-224, abr. 2001.

STEIN, Edith. **A mulher**: sua missão segundo a natureza e a graça. Tradução: Alfred J. Keller. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

TELLES, Norma. **Encantações – escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX**. 1987. 532 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987.